

## Editorial

DOI: 10.54446/bcg.v12i1.2911

*Conselho Editorial*

O Boletim Campineiro de Geografia tem o enorme prazer de apresentar o primeiro número de seu décimo segundo volume, do ano de 2022, mantendo seu compromisso de contribuir com a publicização do conhecimento e com o aprofundamento do debate científico em especial do campo geográfico, apesar de todos os ataques que o labor científico tem sofrido. Nesta mais nova edição do BCG trazemos à comunidade acadêmica oito artigos científicos inéditos, uma entrevista com a geógrafa e pesquisadora são-tomense Dinasalda Santana de Ceita, assim como uma inédita tradução do clássico texto de Alfred Sauvy, onde cunha o termo “Terceiro Mundo”.

O artigo que abre este número é de autoria de Renato Emerson dos Santos, com o título “Expressões espaciais das relações raciais: algumas notas”, uma publicação fundamental sobre o debate acerca das dimensões espaciais das relações raciais, que teve como primeira publicação no livro “Negros nas cidades brasileiras (1890-1950)”, organizado por Ana Barone e Flavia Rios, mas que agora ganha nova edição, para ainda maior circulação. Nesse texto, o geógrafo apresenta duas ideias muito potentes, a de que há uma “organização espacializadas das relações raciais” e a de que as “relações raciais grafam o espaço”, de modo que elas permitem compreender que as relações raciais se constituem no espaço, com o espaço e a partir do espaço, produzindo “geo-grafias”.

Em seguida, o artigo “Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA): na contramão do agronegócio globalizado”, da geógrafa Marina Sbrocco, traz uma análise sobre movimentos de contraponto à lógica produtiva do agronegócio, tomando como objeto de caso as CSA’s, com enfoque em duas experiências próximas da cidade de Belo Horizonte (MG). O texto revela como esses movimentos buscam constituir circuitos curtos agroalimentares para aproximar produtores e consumidores, estimulando a produção sustentável e a valorizando a agricultura familiar e as economias locais.

O artigo de João Batista Alves de Souza, “A produção de multipolaridades territoriais na comunidade quilombola ribeirinha Família Ozório (Aquirri) no Pantanal sul-matogrossense”, vem na sequência nos apresentar as trajetórias de resistência e luta pelo direito à terra de uma comunidade quilombola. Para isso, o geógrafo analisa os deslocamentos espaciais realizados por grupos familiares dessa comunidade, reconhecendo importantes eventos geográficos, como é o caso dos períodos inundações do Rio Paraguai, que acaba por afetar diretamente as atividades de plantio dessa população.

Na sequência, o texto intitulado “Entre os nexos dos circuitos da economia urbana e novas possibilidades financeiras: o uso da moeda digital Mumbuca E-dinheiro em Maricá (RJ)”, de autoria de Carolina Gabriel Pupo, traz importante reflexão sobre o papel que os bancos comunitários exercem na conformação de novas formas de finanças solidárias, atendendo as demandas de serviços financeiros e não-financeiros dos lugares onde eles operam. Em seu artigo, a geógrafa analisa a experiência da Plataforma E-dinheiro em Maricá (RJ) a partir da teoria dos dois circuitos da economia urbana, buscando revelar como a digitalização da moeda local exerce importante papel denexo entre esses circuitos.

O quinto artigo, escrito por Matheus Teixeira Barreto e com título “Sustentabilidade no movimento olímpico: entre discursos e práticas”, analisa as formas como o discurso hegemônico sobre a sustentabilidade ambiental vem sendo incorporada em edições recentes das Olimpíadas. Para isso, o autor apresenta um estudo focado nas edições de Verão que ocorrem em Pequim, na China; e no Rio de Janeiro, no Brasil; e de Inverno que ocorreu em Sochi, na Rússia. Com base em análise do discurso presente em documentos oficiais e falas de agentes políticos, assim como interpretação das dinâmicas territoriais expressas em imagens de satélite, o texto apresenta as contradições existentes entre os discursos mobilizados pelos agentes envolvidos e as transformações espaciais expressas na paisagem.

Na sequência, o artigo “Tecnopolíticas urbanas, informação e competitividade territorial: notas sobre um ranking de *smart cities*”, de André Pasti e Luis Henrique Cracco, traz reflexões sobre um dos paradigmas hegemônicos do planejamento urbano no atual estágio da globalização, as chamadas “*smart cities*”. Isso é feito com base em uma revisão bibliográfica sobre a temática, mas também mobilizando discussões geográficas sobre a centralidade informação estratégica na constituição desse paradigma. Além disso, o texto realiza uma reflexão sobre a como competitividade urbana é potencializada a partir da lógica dos rankings de cidades inteligentes.

A presente edição da revista ainda traz o artigo “O avanço do setor sucroenergético: o eixo Piracicaba-Ribeirão Preto e as relações socioterritoriais”, de Gustavo Moreira. O texto nos apresenta como essa parcela do interior do estado de São Paulo se transforma em um “mar de cana”, refuncionalizando seu campo e cidades e modificando as antigas relações rurais e urbanas que regiam as dinâmicas espaciais dessa região.

O texto que encerra a seção de artigos do presente número da revista é de autoria de Francisco Fernandes Ladeira, com o título “Diálogos (possíveis) entre Geografia Escolar e mídia: questões teóricas e práticas”. No artigo, o autor busca refletir sobre as possibilidades e limites da incorporação de artefatos midiáticos como recurso didático em sala de aula, chegando a conclusões de que somente com devida mediação docente, esses materiais jornalísticos podem ser significativos para o processo de ensino-aprendizagem em Geografia.

A presente edição também traz uma entrevista com a geógrafa e pesquisadora são-tomense, Dinasalda Santana de Ceita, realizada por Rosemberg Ferracini, onde

ela discute suas principais pesquisas, que versam especialmente sobre questões relacionadas à população, ao desenvolvimento e às mudanças climáticas.

Por fim, a presente edição do BCG traz a inédita tradução do clássico texto do economista, sociólogo e demógrafo francês, Alfred Sauvy, intitulado “Três Mundos, um planeta”, primeiramente publicado na famosa revista L’Observateur, em 1952, com o título “Trois mondes, une planète”. Nesse pequeno artigo, o intelectual francês propõe pela primeira vez o termo “Terceiro Mundo”, que posteriormente foi fruto de diversos estudos e debates políticos, sobretudo durante o período de Guerra-Fria. O trabalho de tradução foi realizado pelos geógrafos Dhiego Medeiros e Jane Barbosa.

Aproveitamos para agradecer, uma vez mais, aos autores e às autoras, pareceristas e ao Conselho Científico que participaram da presente edição, cuja colaboração e empenho foram fundamentais para a organização de mais este número de nossa revista.

Desejamos uma excelente leitura a todos e todas.